

Ibdas de Deus (1936), é que J. R. atinge os momentos mais altos da sua poesia torrencial e reflexiva, ao mesmo tempo lírica e dramática. Depois, intenta dissociar esses dois pólos da sua inspiração, canalizando doravante o ímpeto dramático para uma específica criação teatral e reservando então para a obra poética, *em verso*, os recursos de um lirismo pouco evoluído, ora moralisticamente sentencioso, ora sentimentalmente enternecido, mais preso à lição dos grandes líricos do século passado do que vinculado a qualquer experiência da modernidade. E, se ainda é cedo para avaliarmos o que significam, nos destinos do teatro português, peças como *Jacob e o Anjo* (1940), *Benilde ou a Virgem-Mãe* (1947), *El-Rei Sebastião* (1949), *A Salvação do Mundo* (1953) ou as *Três Peças em Um Acto* (1957), —é, todavia, desde já possível assegurar que a poesia de J. R., reduzida ao lirismo, muito perdeu da força primitiva em livros como *Fado* (1941), *Mas Deus é Grande* (1945) e *A Chaga do Lado* (1954). Estes três livros não deixaram, no entanto, de evidenciar um progressivo virtuosismo métrico e — particularmente o primeiro e o último — notáveis qualidades de coragem e desassombro na sátira social. Mas nisto, ainda, se mostra sobretudo J. R. um émulo ou um epígono de Gomes Leal e de Guerra Junqueiro.

Entretanto, também a ficção o seduziu; e, neste domínio, realizou J. R. algumas obras da maior densidade psicológica e da mais subtil crítica de costumes, desde esse perturbante embora mal estruturado romance que é o *Jogo da Cabra Cega* (1934) até à súpula romanesca d'*A Velha Casa* (*Uma Gota de Sangue*, 1945; *As Raízes do Futuro*, 1947; *Os Avisos do Destino*, 1953; *As Monstruosidades Vulgares*, 1960; *Vidas são Vidas*, 1966) — e passando por *Davam Grandes Passeios aos Domingos* (1941), novela admirável de delicadeza e de observação; *O Príncipe com Orelhas de Burro* (1942), «história para crianças grandes», romance utópico e ucrónico em que retoma os grandes temas da própria poesia; as *Histórias de Mulheres* (1946), quase todas elas exemplos magistrais

da arte de narrar; e os contos de *Há Mais Mundos* (1962), em que a mesma arte se patenteia.

No ensaio e na crítica, J. R. marcou igualmente, nas letras portuguesas, um lugar inconfundível. Penetrante, arguto, tão apto por vezes para a síntese impressionista como para a análise psicológico-literária, deu-nos notáveis estudos sobre as obras de Camões, Camilo, Raul Brandão, Florbela Espanca e outros (cf. *Ensaio de Interpretação Crítica*, 1964). De tais trabalhos (que se adaptam ao seu próprio conceito de «crítica compreensiva») apenas um, consagrado a António Botto, foi editado separadamente (1938). Como refundição da sua tese de licenciatura (1925), publicou, mais tarde, uma *Pequena História da Moderna Poesia Portuguesa* (1941), obra surpreendente pela concisão e pela justeza, quase divinatória, de alguns juízos. Além destes, deu a lume os ensaios *Críticos e Críticos* (1936) e *Em Torno da Expressão Artística* (1940), recentemente integrado, refundido, em *Três Ensaio sobre Arte* (1967), juntamente com «A expressão e o expresso» e «Vistas sobre o Teatro». Mas a maior parte da sua produção crítico-ensaísta encontra-se dispersa por revistas e jornais (*Presença*, *Seara Nova*, *Revista de Portugal*, *Mundo Literário*, *Ler*, *O Comércio do Porto*, *Jornal de Notícias*, *O Primeiro de Janeiro*, *Diário de Notícias*, etc.); e só há que lamentar, nos últimos anos, uma tendência repetitiva e uma teimosa restrição de interesses.

D. M. F.

Bibl.: João Gaspar Simões, «O sentido da poesia de J. R.», in *O Mistério da Poesia*, Coimbra, 1931; Óscar Lopes, *A Obra de J. R.* (Ensaio crítico seguido de um Inquérito ao autor criticado), Porto, 1956 (incluído em *Cinco Personalidades Literárias*, Porto, 1961); Eugénio Lisboa, *J. R.* (col. «Poetas de Ontem e de Hoje»), Porto, 1957 (contém a bibliografia essencial); Idem, «O silêncio e a ironia na obra de J. R.», in *O Tempo e o Modo*, vol. IV (1966), pp. 770-783. Está em curso a edição das «Obras Completas» de J. R.

Regionalismo. NA LITERATURA PORTUGUESA. V. **Entre Douro e**

Minho, Trás-os-Montes, Beira Alta e Beira Baixa, Beira Litoral, Ribatejo, Alentejo, Algarve, Madeira, Açores, Cabo Verde, Ultramar, Romance e Novela, Folclore, Província. NA LITERATURA PORTUGUESA.

NA LITERATURA BRASILEIRA. V. **Amazonas, Nordeste, Baía, Minas Gerais, Sul do Brasil, Gaúcho, Fazenda, Indianismo, Sertão, Modernismo, Romance e Novela, Folclore, Província.** NA LITERATURA BRASILEIRA.

Rego, JOSÉ AUGUSTO RAMALHO Teixeira (Matosinhos, 1881-1934). Personalidade de múltiplos talentos, em constante e activa satisfação de curiosidade especulativa nos mais diversos domínios do saber, T. R., na convivência de livraria, como jornalista e escritor e, finalmente, como professor de Filologia e Literatura Portuguesa na Faculdade de Letras do Porto, exerceu nos seus alunos notável influência formativa. Dotado de extraordinária imaginação inventiva que organizava sugestivamente vasta erudição, as suas lições não eram repetição do já sabido mas tentativa de nova descoberta. Discípulo e amigo íntimo de Sampaio Bruno (v.) a partir de 1909, era, até no aspecto físico, a imagem do mestre. A temática que ambos preocupava e T. R. continuou não a deixou sistematizada, infelizmente, em obra definidora. Entre outros, deixou publicados os seguintes trabalhos: *Pequena antologia clássica*, Porto, 1916; *Nova teoria do sacrifício*, Porto, 1918; *Estudos e controvérsias*, Porto, 1931; *Literatura portuguesa medieval* in *História de Portugal*, ed. Barcelos.

D. S.

Rego CAVALCANTI, José Lins do (Pilar, Estado da Paraíba, 1901-Rio, 1957). Pertencia a uma família tradicional, ligada ao patriarcalismo rural e à economia açucareira do Nordeste (v.). Formou-se pela Faculdade de Direito do Recife. Nessa época entrou em contacto com Gilberto Freire, Olívio Montenegro e José Américo de Almeida. Esteve, posteriormente, em Alagoas, quando